

TÍTULOS DA DÍVIDA

Principal papel do Brasil mantém estabilidade com volume de US\$ 50 milhões

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Parece ter chegado provisoriamente ao fundo do poço a cotação do principal título da dívida externa do Brasil, Mydfa, nome formado pela sigla em inglês para "instrumento de depósito do acordo multianual" de 1988 entre o país e os bancos. O movimento foi um dos mais baixos dos últimos dias, estimando-se um volume de negócios em torno de US\$ 50 milhões.

"O papel estabilizou-se hoje, enquanto se aguardam novos desdobramentos da situação política no Brasil", diz Conor O'Driscoll, diretor da corretora alemã Metallgesellschaft. "A espera se dará com uma volatilidade contínua enquanto persistir a incerteza sobre a conclusão", explicou.

Essa impressão é generalizada. "O mercado continua bastante nervoso com a situação política do presidente Fernando Collor e com a receptividade do pacote fiscal junto ao Congresso", diz Fernando Haaland, vice-presidente no NMB Bank em São Paulo.

"Isto faz com que os preços dos ativos brasileiros continuem baixos, e o mercado não demanda papéis do País".

A política e a economia se interligam porque, como nota Ana Wong, vice-presidenta no banco suíço Socimer, "a instabilidade gera dúvida sobre a capacidade do presidente aprovar a reforma fiscal no Congresso".

Isso coloca em dúvida a capacidade de o governo cumprir as metas de seu acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

E portanto, no fim, de colocar em prática o Plano Brady anunciado".

O melhor que poderia acontecer para esse mercado seria a falta de notícias sobre o Brasil, argumenta Angel Santamarina, diretor do banco espanhol Santander em Nova York. "É o que aconteceu com a Venezuela. Os papéis desse país perderam dez pontos com a crise. Mas agora, após um mês e meio sem notícias, os preços se estabilizaram. Os preços brasileiros refletem o desconfor-

VALOR DOS MYDFA MERCADO SECUNDÁRIO

(em centavos por dólar
— 23/7/1992)

Banco	Compra	Venda
ANZ Grindlays	32,375	32,625
Bank of Tokyo	32,625	32,875
Banco Santander	32,50	32,75
Banco Nacional	32,625	32,875
Bear Stearns	32,625	32,875
Chase Manhattan	32,625	32,875
Citibank	32,625	32,875
Chemical Banking	32,625	32,875
Eurinam	32,50	32,75
First Boston	32,375	32,625
First Chicago	32,50	32,75
Goldman Sachs	32,50	32,75
JP Morgan	32,50	32,75
Lazard Freres	32,625	32,75
Midland Montagu	32,50	32,75
Metallgesellschaft	32,50	32,75
Merrill Lynch	32,625	32,875
Morgan Stanley	32,50	32,75
NMB Bank	32,50	32,75
Nomura Securities	32,50	32,75
Shearson Lehman Brothers	32,375	32,625
Socimer	32,50	32,75
Unibanco	32,625	32,875

Fonte: Gazeta Mercantil.

to do mercado. Eu desejaria que não tivéssemos mais notícias do Brasil. Infelizmente, isso parece pouco provável", diz ele.

Mesmo a estabilidade de ontem aconteceu com altos e baixos. "A cotação do Mydfa chegou a subir um pouco, depois desceu quase ao mesmo nível da abertura, e acabou fechando ligeiramente acima", nota Martin Braun, vice-presidente no First Boston Corporation. "Se houver más notícias, talvez o papel venha a cair para o nível de 28 centavos. Com boas notícias, pode avançar até 35 centavos", acrescenta.

O mercado aos preços correntes já descontou cerca de 80% do risco brasileiro, na avaliação de Martin Schubert, diretor da Eurinam. "Isso inclui uma eventual saída do presidente da República. Operadores no mercado secundário são obrigados a olhar para o curto prazo. E a curto prazo eu sou pessimista com o Brasil, embora seja otimista a médio prazo", pondera.

De um modo geral "os operadores ficaram menos pessimistas com o país hoje", diz Martin Braun. O fato de terem prestado pouca atenção a boas novas, como a queda da inflação, mostra no entanto que o desconforto continua: "A previsão é de alta para a próxima taxa de inflação", lembra Ana Wong.